

REVISITANDO A FIGURA DO FEMININO NAS IGREJAS BATISTAS: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA DE ACOLHIMENTO NA ESCOLA BÍBLICA DOMINICAL

Jacirema Maria Thimoteo dos Santos

Introdução

A Pedagogia, ciência da educação, nos incita a olhar o indivíduo na sua totalidade (*hollos*), pois a educação é uma ação que cria automatismos no mesmo, não para tirar-lhe a sua liberdade, mas, ao contrário, para aumentá-la. Seu objetivo principal é a formação de um ser integral, livre, um ser com inteligência, ideal e vontade. Independente de sexo, cor, raça e classe social.

Da mesma forma, um dos princípios da Igreja Batista, organizados em 1964 pela Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos, é o Indivíduo: “Cada indivíduo foi criado à imagem de Deus e, portanto, merece respeito e consideração como pessoa de valor e dignidade” (Princípios Batistas, 1987, p.4).

Observa-se que este princípio perpassa pela ideia da visão holística que a igreja precisa ter. Desse modo, homem/mulher criados a imagem e semelhança de Deus, possuem os mesmos direitos no Reino e, também, dentro da igreja.

Tendo como premissa esta proposta holística e ensaiando uma perspectiva de pontuar como as mulheres recém convertidas são acolhidas na Igreja Batista, mais precisamente na Escola Bíblica Dominical que na sua estrutura possui uma classe de catecúmenos que acolhe todos àqueles que se convertem é que o presente trabalho estará pautado.

Nessa conjuntura, faz-se necessário esclarecer que o mesmo foi realizado com a ajuda de material bibliográfico e a experiência de 24 anos, como membro em uma Igreja Batista, da autora.

É notório que tal abordagem não esgotará o tema apresentado, pois “(...) se aproximar dos territórios do feminino exige a travessia dos territórios do masculino” (Oliveira, 1999, p.11). Para o Cristianismo que foi formatado erradamente pelos homens e para eles, esta travessia é árdua, em alguns momentos, limitada e fragmentada, mas tem servido de ponto de partida para muitas mulheres que estão querendo superar anos de culpas, preconceitos, discriminações, exílios.

Em síntese, o trabalho não tem a intenção de polemizar ou julgar a forma como a Igreja Batista acolhe as mulheres recém convertidas e sim refletir e buscar novas alternativas de acolhimento. Mediante a isso, o mesmo abordará, de forma sucinta, a história da Igreja Primitiva e da Igreja Batista, da Escola Bíblica Dominical de um modo geral, a atual proposta educacional da EBD da Igreja Batista X (a autora se reservou ao direito de não citar o nome da Igreja) e uma proposta de acolhimento às mulheres recém convertidas.

1- Caminhando pela história...

Conhecer a história de determinado fato é importante, pois oportuniza entender o processo de transformação ou não da sociedade. O homem é um ser histórico, está e faz parte da História. Nesse sentido, o presente ponto percorrerá, de forma sucinta, pela trajetória histórica da Igreja Primitiva e da Igreja Batista, bem como a visão das mesmas para com as mulheres.

O texto eclesial mais completo para conhecer a história da Igreja Primitiva é o livro de Atos dos Apóstolos. O mesmo descreve o ideal da primeira comunidade cristã: palavra apostólica, comunhão, serviço e oração (Cf. At 2: 42-47; 4: 32-35; 5:12-14).

Dez dias após a ascensão de Jesus, ou seja, quarenta dias depois de sua ressurreição desceu o poder sobre o grupo em Jerusalém: a vinda do Espírito Santo no dia de Pentecostes (Atos 2: 1-4), a festa da Aliança:

Este acontecimento é considerado a origem da Igreja. Ela nasce na festa de Pentecostes, onde se comemoram três fatos: a “descida do Espírito Santo”, articulada com o Jesus histórico e com aquela comunidade que o amava e com ele havia convivido durante sua vida histórica, terrena (Tepedino, 2011, p. 126).

Nesse dia de Pentecostes a “pequena igreja” de 120 membros foi acrescida de mais de três mil almas e dentro de pouco tempo contava com mais de cinco mil homens e, sem dúvidas, com muitas mulheres, visto que o Espírito Santo veio para toda a comunidade que seguia a Jesus, inclusive as mulheres:

De esta forma – sea cual sea el texto que adoptemos, Juan o Lucas -, las mujeres que seguían a Jesús recibieron el Espíritu al mismo tiempo que los discípulos-varones y con el mismo título que ellos. El mismo amor con que Jesús las había amado lo exigía. No podía dejar de darles su Espíritu para la nueva creación que su resurrección inauguraba (TUNC, 1998, p.84).

Jesus pregava a *basileia* de Deus para todo o Israel, ninguém ficava de fora, as mulheres tinham espaço, espaço este de esperança. Em seu livro “As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica”, Fiorenza (1992) destaca:

Não a santidade dos eleitos, mas a completude de todos é a visão central de Jesus. Por isso, suas parábolas também buscam imagens do mundo das mulheres. Suas curas e exorcismos fazem as mulheres completas. O seu anúncio da “inversão escatológica” – muitos dos que são primeiros serão últimos e os últimos serão primeiros (Marcos 10:31; Mateus 19:30; 20:16; Lucas 13:30) – aplica-se também às mulheres e a sua diminuição por estruturas patriarcais (p. 153).

Como citado acima à essência da igreja era palavra apostólica, comunhão, serviço e oração. Tepedino (2011) afirma que:

O dom escatológico do Espírito vem plantar na *oikoumene*, em todos os lugares do mundo e da história a realidade de uma humanidade nova, que viva o projeto de Deus: amor e comunhão. A Igreja já nasce para ser sinal e testemunha desse processo de humanização, se inicia como resposta para solucionar o maior problema humano: a incomunicação e a injustiça (p. 127).

Vale ressaltar que esta igreja começa nas casas e são chamadas igrejas domésticas. E as mulheres eram as principais protagonistas nas mesmas pois:

A igreja doméstica, em virtude de sua localização, fornecia oportunidades iguais para as mulheres, porque tradicionalmente a casa era considerada como esfera própria das mulheres, e as mulheres não eram excluídas de atividades nela. (...) A comunidade estava “na casa dela”. (...) a igreja de Filipos começou com a conversão da mulher de negócios Lídia de Tiatira que ofereceu sua casa para a missão cristã (FIORENZA, 1992, p. 210-212).

O texto de Gálatas 3:28 (a conhecida fórmula batismal) ratifica a igualdade entre homens e mulheres que pertencem a Cristo:

Gl. 3: 28 não só advoga a abolição das divisões religiosa-culturais e da dominação e exploração produzidas pela escravidão institucional, mas também de dominação baseada em divisões sexuais. Repete, com diversas categorias de palavras, que dentro da comunidade cristã não se pode tolerar nenhuma estrutura de dominação. Gl. 3:28 entende-se, portanto, melhor como uma autodefinição comunitária cristã, mais que uma afirmação sobre o indivíduo batizado. Proclama que, na comunidade cristã, todas as distinções de religião, raça, classe, nacionalidade e sexo são insignificantes. Todos os batizados são iguais, eles são um em Cristo (Ibid p. 247).

Conclui-se que a igreja primitiva compreendia e vivia a real mensagem do Reino e que, apesar de todo óbice, as mulheres conseguiam um reconhecimento por se destacarem no

contexto social de sua época.

E hoje, como a Igreja Batista percebe essa mulher?

Segundo Pereira (1979), existem muitas teorias acerca da origem dos batistas, mas abordar-se-á apenas três. A primeira é a teoria J.J.J. (Jerusalém-Jordão-João) que defende a idéia de que os batistas vêm desde os tempos de João Batista, o que batizava no rio Jordão; já a segunda envolve os anabatistas do século XVI que surgem na Suíça e na Alemanha, tinham como ideal o rebatismo de todos àqueles que se filiavam a igreja de Cristo; finalmente, a última teoria, a teoria dos separatistas ingleses, remota ao século XVII, defendendo a necessidade do batismo somente de regenerados. Independente de sua origem, o que observa-se é que os mesmos possuem alguns princípios, dentre eles podemos citar: a Autoridade das Escrituras, a Salvação pela Graça, a Liberdade Religiosa, que são seguidos fielmente.

Com relação aos batistas, sabemos que eles não foram os primeiros a chegarem ao Brasil, na realidade foram os últimos a se estabelecerem enquanto grupo e igreja. O registro deste acontecimento ocorreu em 1860, com a chegada do missionário americano Thomas Jefferson Bowen. A primeira igreja foi fundada na cidade de Salvador na Bahia em 15 de outubro de 1882, contando com cinco membros, sendo dois casais de americanos e o ex-padre Antonio Teixeira de Albuquerque. Logo após o trabalho se difundiu e mais igrejas foram fundadas: 1884, a Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro; 1885, a Primeira Igreja de Maceió; 1886, a Primeira Igreja Batista do Recife e 1899, a Primeira Igreja Batista de São Paulo.

No século XX, em 1907, nasce a Convenção Batista Brasileira, órgão principal da Denominação Batista, pois é um espaço que proporciona identidade aos batistas, unificando o trabalho dos mesmos em toda sociedade brasileira. Atualmente, este trabalho está organizado da seguinte forma: Junta de Missões Mundiais e Junta de Missões Nacionais, Seminários: Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil (Recife/PE), Seminário Teológico Batista Equatorial (Belém/PA), Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil e o Centro Integrado de Educação e Missões (Rio de Janeiro/RJ). Há ainda os Colégios Batistas espalhados pelo Território Nacional. Ainda encontramos três organizações executivas: a União Feminina Missionária, a União de Homens e a Junta de Mocidade.

Esse povo concedia um grande valor à evangelização, mas a educação era, também, um sinal visível nos batistas, através da mesma tinham a certeza de que a classe oprimida podia

ser esclarecida e almejar uma vida melhor. Na Assembléia da Convenção Batista Brasileira de 25 de junho de 1922 foi apresentada uma proposta de educação que até hoje é praticada em seus colégios, alguns itens merecem destaque: “preocupação com o analfabetismo (...); preocupação com a qualidade do corpo docente; participação ao atendimento aos alunos carentes e órfãos; currículo dinâmico” (Anais da Convenção Batista apud Machado, 1999, p.50-51).

Dessa forma, desenvolviam os seguintes temas: liberdade, democracia e separação entre Igreja e Estado. E nesses temas apontavam as discriminações contra as crianças, os negros, os idosos e as mulheres, pois educar diz respeito a desenvolver a psique, o cognitivo e contribuir na formação integral do ser humano.

Devido a tal posicionamento de postura libertadora e vivenciando um versículo da Bíblia que afirma que Deus não faz acepção de pessoas (Cf. Romanos 2:11) foi que eles conferiram às mulheres o valor que lhes pertenciam.

E tudo começou com a prática da co-educação, ou seja, as classes mistas. Eles percebiam que era de suma relevância que as meninas recebessem a mesma educação que os meninos. Essa prática foi uma inovação, mas sofreu uma razoável crítica por parte dos educadores católicos que consideraram essa atitude um ultraje as suas idéias educacionais.

Entretanto, a valorização da inteligência das mulheres e o seu potencial continuaram sendo enaltecidos e motivo de publicação no jornal da Denominação: a missionária americana Ruth K. Hill que ficou conhecida como àquela que defendia a idéia que Deus é mãe também em suas pregações ouvidas por milhares de pessoas; a jovem Emília Moniz Ferreira Sophia que, durante todo o curso Normal, conquistou a nota máxima; a Sra. Isa Gomes Garcia que foi a primeira mulher brasileira matriculada no Seminário Batista da Europa Continental; a americana Nellie Ross que foi governadora no Estado de Wyoming. Em outras palavras, a Denominação Batista até reconhece o potencial das mulheres, tem uma organização chamada Mulher Cristã em Ação promovida pela União Feminina Missionária Brasileira que proporciona diferentes oportunidades: envolver-se em missões através de estudos, ofertas e participação em atividades; dedicar seus talentos na ajuda ao próximo através de ação de amor e da proclamação do evangelho; capacitar-se para sua missão de esposa e mãe; aperfeiçoar-se física, espiritual e emocionalmente e desenvolver organizações missionárias para crianças, meninas e jovens.

Porém, e aí a autora do trabalho abre um parêntese para questionar tal organização devido aos anos de membro em uma igreja batista, este trabalho é sempre liderado (na grande

maioria) por senhoras com mais de 60 anos e muitas sem um grau de escolaridade avançado (às vezes não concluíram o Ensino Fundamental). Logo, não possuem condições cognitivas de trabalhar esta mulher enquanto mulher única, a sua singularidade. O que se vê são reuniões apenas para confirmar a fé dessa mulher, independente se está sofrendo, precisando elevar a sua auto-estima, se suas emoções estão sendo asfixiadas.

Outrossim, partindo do pressuposto de que a Igreja Batista durante muito tempo considerou a mulher como relevante no Reino de Deus, cabe-se um questionamento: Por que a grande maioria das igrejas não possuem na organização educacional mais forte da mesma, a Escola Bíblica Dominical, um trabalho de acolhimento para as mulheres?

A seguir, apresentar-se-á a Escola Bíblica Dominical de um modo geral e o modelo de Escola Bíblica Dominical da Igreja Batista na qual a autora do trabalho é membro.

2- Escola Bíblica Dominical: a escola da inclusão

Em 1780, na Cidade de Gloucester, Inglaterra, Robert Raikes, um conceituado jornalista, formou uma escola para atender crianças carentes que não iam à escola porque precisavam trabalhar num regime de doze horas por dia, durante seis dias da semana. Tal escola funcionava aos domingos e tinha a Bíblia como texto central para a alfabetização. Além disso, ensinava civismo e aritmética. Após algum tempo já tinha 77 rapazes e 88 moças, chegou a fundar doze escolas dominicais e em 1788, já contavam com 250.000 alunos, espalhando-se assim por toda a Inglaterra.

Como escreveu George (1993), seu objetivo principal era “ensinar as crianças a ler as Escrituras, a aprender por si mesmas a Palavra de Deus, a identificar-se com a Igreja, visto que os jovens da sua geração, apesar de viverem num país cristão, eram tão pagãos como os do mundo pagão” (p.82).

Em 1786, a escola dominical chega a América do Norte com William Elliot, entre os anos de 1816 e 1817 surge à preocupação com a literatura a ser usada e em 1818 é reconhecida como departamento da igreja.

Finalmente, no dia 19 de agosto de 1855 chega ao Brasil como o casal Robert e Sarah Kalley, que estabeleceram a primeira igreja protestante permanente, na Cidade de Petrópolis.

Até hoje, a EBD tem papel principal na Educação Religiosa das Igrejas Batistas como comenta Smith (1995):

A organização que possui maior responsabilidade no Programa de

Educação Religiosa de uma igreja é a Escola Bíblica Dominical... A EBD é a mais antiga e a mais arraigada organização na vida das igrejas... A importância da EBD nas igrejas batistas decorre da centralidade da Bíblia como única regra de fé e prática... Nenhuma igreja batista poderá ser forte, não importa o seu tamanho, se não for forte no ensino bíblico (p.47-48).

Todavia, a mesma não possui um projeto pedagógico que atenda a demanda dessa mulher do século XXI que está adentrando nas igrejas: mulher essa divorciada ou casada pela segunda vez ou executiva com um cargo de liderança ou pesquisadora ou do lar, mulher sofrida, sem perspectiva de vida, mulher responsável pela criação dos filhos, sozinha...

É fato que a Igreja é o canal de propagação do Evangelho e que precisa ter uma função educativa transformadora ao procurar fornecer aos indivíduos condições de refletirem e conhecerem a sua crença. A mesma não pode ser alienada e nem alienar, cabendo a igreja desmistificar o pensamento de vários filósofos, dentre eles Marx.

Mediante a este quadro de um mundo globalizado, surge à necessidade de uma educação religiosa consistente nas igrejas, que priorizem um modelo de práxis criadora, reflexiva, libertadora e radical que faça a diferença.

O professor Israel Batista (2003) aborda tal questão em seu artigo “Desafíos para las iglesias em América Latina y el Caribe ante el nuevo milenio”:

El fenómeno religioso actual no puede ignorar como referencia la globalización neoliberal impuesta, caracterizada por ser un régimen económico basado en la dominación de ciertos grupos sociales a expensas de la exclusión de la mayoría. Este poder hegemónico elitista es ejercido a través de instituciones políticas e instrumentos culturales, permitiendo que esos sectores controlen las relaciones sociales de producción del conocimiento científico y sus aplicaciones tecnológicas y, consecuentemente, las relaciones culturales (pp.137-138).

Com relação à realidade da Igreja Batista X (que não diferencia muito das demais igrejas batistas), a EBD durante anos era estruturada da seguinte forma: classe dos homens, classe das senhoras, classe dos jovens, classe dos adolescentes, classe das crianças e classe dos catecúmenos.

Em 1996, a então Educadora Religiosa da igreja (a autora do presente trabalho) incomodada com essa situação de escola tradicional e sabedora de que os batistas foram os primeiros a lutarem por classe mista nas escolas seculares, apresenta um projeto ao Pastor com o objetivo de usar outras literaturas (a usada era a revista Compromisso, com uma única linguagem para todo o Brasil, editada pela JUERP – Junta de Educação Religiosa e Publicações da Convenção Batista Brasileira) e possibilitar aos alunos se inscreverem por

temas e não mais por faixa etária e sexo. Nessa vereda, a Educadora Religiosa não tinha conhecimento de Teologia Feminista, de gênero, apesar de estar cursando Teologia, por esta razão não houve despertamento para que de um dos temas a ser estudado versasse sobre estas questões.

Porém, a única classe que não pôde ser mudada (o Pastor não viu necessidade para tal) foi à classe de catecúmenos. Vale ressaltar que o catecumenato tinha uma grande relevância para os primeiros cristãos. Nos escritos de Lucas e Paulo no Novo Testamento, a catequese era a transmissão e recepção da palavra e do evangelho: ensinar sobre a vida de Jesus, sobre o batismo, educar a fé. Como cita Floristán (2002):

El catecumenado es una de las instituciones pastorales más antiguas y básicas de la Iglesia de carácter litúrgico, catequético y moral, organizado para acoger en la comunidad cristiana a personas adultas convertidas e instruir las em grupo, durante um cierto tiempo, hasta su ingreso como fieles por médio del bautismo y de la eucaristia (p.506).

As lições dessa classe, ainda hoje, versam sobre os seguintes assuntos: família batista, bíblia, salvação, Deus, Jesus Cristo, Espírito Santo, as ordenanças, o dia do Senhor, os anjos, o futuro, a missão de evangelizar, a igreja local. Na visão da Denominação Batista e da igreja tal classe é a mais importante, pois seu objetivo principal é introduzir o novo convertido ao conhecimento dos temas citados acima. A mesma funciona da seguinte forma: são 14 lições que o novo convertido precisa fazer para se batizar, independente da lição que a classe esteja estudando essa pessoa terá que acompanhar a mesma e só completará o seu ciclo de estudos quando concluir as 14 lições.

O título do presente ponto diz respeito à inclusão. Incluir significa respeitar e querer desenvolver o indivíduo em todos os aspectos dentro da sociedade, é deixar pertencer: “É a nossa capacidade de entender e reconhecer o outro e, assim, ter o privilégio de conviver e compartilhar com pessoas diferentes de nós” (Mantoan In Revista Nova Escola, 2005, p. 24).

Sendo assim, como a mulher que acabou de se converter pode ser acolhida numa classe em que ela começa a frequentar no domingo em que o professor está ensinando a lição de nº 14? Uma classe que abrange diferentes faixas etárias e sexo (se a pessoa se converte aos 10 ou 15 ou 25 ou 40 ou 65 anos ela vai para esta classe) não tem como trabalhar o indivíduo enquanto sujeito ativo de sua história e da história em geral, cujo propósito principal é apenas transmitir informações sobre o que os batistas crêem e pregam, não que tal atitude não seja importante, mas não é somente isso. De repente, aquela mulher está carente de ser

ouvida, de falar assuntos que não são os das 14 lições.

Interessante que no ano de 2010 a Convenção Batista Brasileira apresenta as igrejas o Plano Diretor da Educação Religiosa Batista no Brasil que:

(...) contempla meios para que cada igreja desenvolva o seu próprio Projeto Pedagógico. Esse Projeto Pedagógico deverá ser um modelo de projeto educacional flexível, dinâmico, funcional e adaptável que possa ser recomendado a todas as igrejas batistas no vasto e diversificado país em que vivemos. Por isso, o PDER da Convenção Batista Brasileira foi elaborado de modo a evitar a oferta de uma educação conteudista, adestradora e descontextualizada e, na elaboração do plano curricular e da literatura que a Convenção vai disponibilizar às igrejas, deverá contemplar a extensão do ensino bíblico, doutrinário, ético, serviço cristão, ação missionária, vida devocional (p.5).

A educação integral elaborada a partir da antropologia bíblica indica a construção de um processo educacional que considere o ser humano como um todo, não apenas em seu aspecto cognitivo, que poderá apenas privilegiar a memória, mas também será necessário dar-lhe oportunidade para construir o conhecimento refletindo sobre ele (p.17).

Então, perguntamos: As igrejas já estão providenciando os seus Projetos Pedagógicos? Nos mesmos estaria inserida alguma proposta diferenciada de trabalho para com as mulheres?

A autora do trabalho não tem conhecimento, inclusive na sua igreja não existe um Projeto Pedagógico, de igrejas que tenham um Projeto Pedagógico.

Faz-se necessário uma nova proposta de classe que vá ao encontro das questões levantadas no decorrer do trabalho. Uma classe que trabalhe a mulher na sua essência.

A seguir, apresentamos um esboço de uma proposta que poderá ser ampliada, pois não poderíamos concluir o trabalho sem lançar a semente de um futuro melhor.

3- Proposta Pedagógica para uma classe de EBD

Título: Muito prazer: Eu sou MULHER!

População alvo:

Mulheres novas convertidas da Igreja Batista X

Justificativa:

A igreja existe para cumprir dois propósitos: evangelização (fazer discípulo) e edificação (ensinar). Segundo os Princípios Batistas, a mesma é uma comunidade fraterna de pessoas convertidas a Cristo e uma companhia fraterna de pessoas batizadas. Comunidade/companhia remete-se a comunhão, compreensão, serviço. A igreja precisa acolher/abraçar a todos que se achegarem a ela, sob a liderança do Espírito Santo e empregando todos os recursos humanos disponíveis desenvolver-se-á uma igreja dinâmica

que acompanhe o seu tempo. Tempo este de grandes progressos, mas também de muita miséria social e cultural para os menos favorecidos, como as mulheres.

Devido a este fato é que percebemos a necessidade de criar uma classe de acolhimento para as mulheres recém convertidas.

Referencial Teórico:

Como referencial básico utilizaremos a Bíblia e como material de apoio alguns autores que refletem sobre o papel das mulheres na Bíblia, gênero, feminismo, teologia feminista: Ivone Gebara, Leonardo Boff, Elizabeth A. Johnson, Elizabeth S. Fiorenza, Sandra Duarte, entre outros citados nas referências bibliográficas do trabalho.

Objetivos:

- *Compreender que, apesar de ser mulher, possui uma história de vida e que foi criada a imagem e semelhança de Deus;
- *Identificar a relevância do papel das mulheres na Bíblia e das mulheres contemporâneas;
- *Compreender os conceitos de gênero, feminismo e Teologia Feminista e suas contribuições para a mulher.

Conteúdos:

Serão estudados temas específicos tais como:

- *Mulheres na Bíblia e mulheres de hoje;
- *Gênero, Feminismo e Teologia Feminista.

Obs: Todos os temas estarão sempre perpassando por questões emocionais, sociais, familiares, etc. Outros temas relevantes para as mulheres que possam surgir no decorrer dos encontros poderão ser incluídos/trabalhados.

Procedimentos Metodológicos:

A classe pertencerá a EBD, funcionando no dia e horário padrão (domingo - 9:00h às 10:00h). Como material didático ter-se-á a Bíblia e apostilas (utilizando os livros dos autores citados) preparadas pela autora do projeto. A proposta pedagógica será baseada no modelo da Educação Libertadora de Paulo Freire: ação-reflexão-ação. Sendo assim, a mulher que entrar no 10º encontro não se sentirá perdida, pois sempre haverá uma recapitulação do que foi refletido no encontro anterior. Serão 18 encontros (totalizando 4 meses), onde ao término dos mesmos essa mulher será encaminhada para a classe de catecúmenos. Outro diferencial é que essa mulher não terá a obrigação de cumprir os 18 encontros, se a mesma já se sentir acolhida ela poderá se transferir para a classe de catecúmenos.

Métodos de Avaliação:

Tal projeto será avaliado ao término, através de uma ficha de avaliação feita pelas alunas e professora para possíveis mudanças, se necessário.

Recursos: humanos, materiais e financeiros:

*A professora e as alunas;

*Sala, TV, data show, cópias das apostilas e Bíblias;

*O custo estimado será de R\$ 300,00 para cópias e a compra de algumas Bíblias, pois a igreja já possui todo o equipamento citado acima.

Cronograma (fictício):

Dezembro de 2011

*Explicação da proposta a Igreja;

Janeiro e Fevereiro de 2012

*Implantação da Classe.

Conclusão

Diante desse mundo pós-moderno em que vivemos que, apesar dos avanços, propõe a cada dia um esmagamento das “massas” (crianças, mulheres, idosos), a Igreja como comunidade/comunhão de irmãos precisa romper com paradigmas e se posicionar como uma Instituição Social libertadora, indo na defesa desses grupos que sofrem todo tipo de violência.

Em um desses grupos marginalizados que foi foco do trabalho foi o grupo das mulheres. É sabido que a inferioridade feminina tem sido ratificada continuamente na Igreja, desde os primeiros séculos. Entretanto, a Bíblia não possui esta visão, no Novo Testamento Jesus e Paulo enaltecem as mesmas como principais atrizes do cenário daquela época.

Mas, a dialética existe e permeia a todos: de um lado um grupo conservador que quer manter o *status quo* de dominação, do outro lado um grupo que acredita na criação divina da mulher como àquela a somar na sociedade.

Faz-se mister a igreja criar estratégias de acolhimento as mulheres, utilizando a EBD como instrumento. Enfim, revisitar a figura do feminino que vem tentando redefinir sua identidade e seu papel no Universo.

Referências Bibliográficas

Livro:

BÍBLIA SAGRADA. Português. Bíblia Sagrada. Versão Revisada da Tradução de João Ferreira de Almeida (De acordo com os melhores textos em hebraico e grego). Imprensa Bíblica Brasileira, 2000.

BEAUVOIR, S. O Segundo Sexo, Vol. 1: fatos e mitos. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

_____. O Segundo Sexo, Vol. 2: a experiência vivida. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

CÉSAR, Eben M. Lenz. Deixem que elas mesmas falem: as mulheres da Bíblia com a palavra. Viçosa: Ultimato, 1993.

CHENU-LUNEN, Marie-Thérèse van & GIBELLINI, Rosino. Mulher e Teologia. Trad. Maria Stela Gonçalves e Luiz João Gaio. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

FIORINZA, Elisabeth Schüssler. As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica. Trad. João Rezende Costa. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.

_____. Discipulado de iguais: uma ekklesia-logia feminista crítica da libertação. Trad. Yolanda Steidel Toledo. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 32ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

_____. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 24ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GEBARA, Ivone. Conhece-te a ti mesma. São Paulo: Ed. Paulinas, 1991.

_____, Ivone. Poder e não-poder das mulheres. São Paulo: Ed. Paulinas, 1991.

GEORGE, Sherron K. Igreja Ensinadora / Fundamentos Bíblico Teológicos e Pedagógicos da Educação Cristã. São Paulo: LPC Publicações, 1993.

JOHNSON, Elisabeth A. Aquela que é: o mistério de Deus no tratado teológico feminista. Trad. Attílio Brunetta. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

_____. Nossa verdadeira irmã: Teologia de Maria na comunhão dos santos. Trad. Barbara Theoto Lambert. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

MACHADO, José Nemésio. Educação batista no Brasil: uma análise complexa. São Paulo: Cortez, 1999.

MURARO, Rose Marie & BOFF, Leonardo. Feminino e Masculino: uma nova consciência para o ensino das diferenças. Rio de Janeiro: Record, 2010.

PALLARES, José Cárdenas. Ternura de Deus ternura de MULHER. São Paulo: Paulinas, 1995.

PEREIRA, J. Reis. Breve história dos batistas. 2ª ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1979.

PERROT, M. Minha história das mulheres. Tradução de Ângela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.

PLANO DIRETOR DA EDUCAÇÃO RELIGIOSA BATISTA NO BRASIL. Minuta do Plano Diretor-versão 3.1. Rio de Janeiro: Convenção Batista Brasileira, 2010.

PRIORE, M. D. (Org.). História das Mulheres no Brasil. 9ª ed. São Paulo: Contexto, 2007.

SOUZA, Sandra Duarte de (Org.). Gênero e Religião no Brasil: ensaios feministas. São Bernardo do Campo: UMESP, 2006.

_____ e LEMOS, Carolina Teles (Orgs.). A casa, as mulheres e a Igreja: relação de Gênero e Religião no contexto familiar. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.

TOURAINÉ, Alain. O Mundo das Mulheres. Trad. Francisco Morás. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

TUNC, Suzanne. También las mujeres seguían a Jesús. España: Sal Terrae, 1998.

Capítulo de livro:

BATISTA, Israel. Desafíos para las iglesias em América Latina y el Caribe ante el nuevo milenio. In SANCHEZ, Wagner Lopes (coordenador). Cristianismo na América Latina e no Caribe: Trajetórias, diagnósticos, perspectivas. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 137-154.

FLORISTÁN, Casiano. El catecumenado. In FLORISTÁN, Casiano. Teología Práctica: Teoría y Práxis de la Acción Pastoral. 4ª ed. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2002, p. 505-525.

OLIVEIRA, Darcy Rosiska. Introdução. In OLIVEIRA, Darcy Rosiska Elogio da diferença: o feminino emergente. 1ª reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 1999, p. 9-18.

SMITH, Cathryn. Tarefas da Divisão de Escola Bíblica Dominical. In SMITH, Cathryn. Programa de Educação Religiosa. Revisão João Falcão Sobrinho. 6ª ed. Revisada, atualizada e ampliada. Rio de Janeiro: JUERP, 1995, p.47-61.

TEPEDINO, Ana Maria. Línguas de fogo pousaram sobre eles. A EKKLESIA que nasce no fogo do Espírito. In ROCHA, Alessandro (org.). Ecumenismo para o século XXI: subsídios teológicos para a vocação ecumênica de todo cristão. São Paulo: Fonte Editorial, 2011, p. 117-132.

Artigo:

CAVALCANTE, Meire. Fala, Mestre! Entrevista a professora Maria Teresa Eglér Mantoan. Nova Escola. São Paulo, n. 182, p. 24-26, maio 2005.